"*EU TAMBÉM QUERO PARTICIPAR!*": FEMINIZAÇÃO DA PEDAGOGIA E QUESTÕES DE MASCULINIDADES NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Camila Oliveira dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil,
ORCID: https://orcid.org/0009-0006-9622-0383
Endereço eletrônico: 202320126@uesb.edu.br

Emerson dos Anjos Meira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil,
ORCID: https://orcid.org/0009-0006-0079-9926
Endereço eletrônico: 202220604@uesb.edu.br

Larissa Monique de Souza Almeida
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil,
ORCID: https://orcid.or/0000-0002-6646-9405
Endereço eletrônico: larissa.almeida@uesb.edu.br

Palavras-chave: educação Infantil; feminização da pedagogia; masculinidades; gênero; docência.

INTRODUÇÃO

A docência na Educação Infantil foi historicamente associada ao universo feminino, especialmente ao cuidado, à afetividade e à educação das crianças pequenas. Nesse contexto, a presença masculina ainda provoca estranhamentos e resistências. Monteiro e Altmann (2014) destacam que esse estranhamento envolve não apenas a atuação docente, mas também os momentos de cuidado corporal, evidenciando representações sociais sobre masculinidades e papéis de gênero.

Para compreender essas dinâmicas, Louro (1997) concebe o gênero como uma construção social e histórica. Nessa perspectiva, as instituições educacionais não apenas refletem, mas também produzem e reproduzem relações de gênero, naturalizando determinadas funções como femininas. Castro (2014) também evidencia como essas relações influenciam a organização das profissões, fazendo com que a presença masculina na Educação Infantil seja frequentemente percebida como exceção e atravessada por expectativas e vigilância.

Diante desse cenário, questiona-se como as construções sociais de gênero influenciam

a inserção e a permanência de homens na Educação Infantil. Assim, o estudo objetiva discutir a feminização da Pedagogia e analisar questões relacionadas às masculinidades nesse contexto. A pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar os debates sobre gênero e docência, problematizando estereótipos e contribuindo para uma educação mais inclusiva e plural.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié. O estudo, desenvolvido em 2026, tem como foco a experiência vivenciada, em 2025, por um bolsista de iniciação à docência do sexo masculino, autor deste trabalho, em uma turma do Grupo 04 de uma instituição pública de Educação Infantil, inserido em um contexto profissional majoritariamente feminino. Na condição de pibidiano, o participante acompanhava e participava das atividades pedagógicas desenvolvidas no cotidiano da turma, sendo sua experiência nesse contexto o foco da investigação.

A produção dos dados ocorreu por meio da observação participante e de registros em diário de campo, compreendido como espaço de reflexão sobre as experiências vividas e os tensionamentos de gênero presentes no cotidiano educativo. Desse modo, o bolsista ocupou simultaneamente a posição de participante do contexto investigado e de sujeito que produziu registros sobre sua própria experiência. Nessa perspectiva, o estudo aproxima-se das narrativas (auto)biográficas, considerando, com Souza (2008), o potencial da escrita de si como procedimento de investigação e processo formativo. A análise dialoga ainda com estudos sobre feminização da docência, gênero e masculinidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A feminização da docência, especialmente na Educação Infantil, não se manifesta apenas na predominância numérica de mulheres nesse espaço, mas também nas expectativas sociais que determinam quem "deve" ocupar esse lugar. Conforme aponta Castro (2014, p. 32): "No curso de Pedagogia, 75,4% dos estudantes são mulheres. [...] as mulheres constituem 92,5% do total no magistério das séries iniciais do ensino fundamental e da educação infantil,

restando menos de 8% deste espaço para o sexo masculino". Essa segmentação, como discutem Monteiro e Altmann (2014, p. 4), ilustra a divisão sexual do trabalho que associa "o trabalho das mulheres à esfera reprodutiva e o dos homens, à esfera produtiva".

Para Louro (1997), a estranheza diante da presença masculina na Educação Infantil não decorre de uma inadequação natural, mas de processos históricos que generificam práticas e funções, associando o cuidado ao feminino. Nesse cenário, homens que atuam com crianças pequenas são frequentemente alvo de suspeitas. Castro (2014, p. 106) registra a fala de um entrevistado que diz: "tem aquela criança de 5, 6 anos, que dá um abraço na professora mulher e no professor homem, o pessoal vai dar uma conotação mais pejorativa, 'olha só, um pedófilo, tá abraçando a criança'". Para além das suspeitas socialmente dirigidas aos homens, a inserção nesse contexto também pode produzir estranhamentos vivenciados pelo próprio sujeito. Nesse sentido, um registro do diário de campo evidencia sentimentos de estranhamento relacionados à atuação em um espaço majoritariamente feminino:

> Às 10h, a professora Milane iniciou os preparativos para um passeio na rua, organizando as crianças e atribuindo um grupo a cada adulto responsável. Fiquei encarregado de cuidar de três crianças. A atividade consistiu em uma caminhada alusiva à Semana da Água, realizada em parceria com a EMBASA. Durante a caminhada na rua, me senti muito desconfortável e estranho, foi o momento em que saí da toca, no meio daquela mulherada e como cuidador de crianças, bate um sentimento de inferioridade aos outros homens e questionamentos… (Diário de campo, 25 de março de 2025.)

O registro revela que o desconforto experimentado não estava relacionado a atitudes explícitas de rejeição por parte das colegas ou da instituição, mas à percepção de ocupar um lugar socialmente concebido como feminino. O sentimento de inferioridade mencionado evidencia como normas tradicionais de masculinidade podem ser internalizadas, levando o próprio sujeito a questionar sua legitimidade em atividades associadas ao cuidado infantil. Sob a ótica de Souza (2008), esse registro do diário de campo configura-se como uma narrativa autobiográfica que possibilita ao sujeito atribuir sentido às experiências vividas: a escrita de si opera como um dispositivo de reflexividade que permite ao bolsista tomar consciência das tensões de gênero que atravessam sua inserção no campo e ressignificar seu lugar profissional. Outro episódio igualmente revelador foi registrado no diário de campo:

> Estava eu sentado no chão, e do nada Laurinha me dá um abraço e diz: "Você é meu melhor amigo". Aquele ato me deixou muito surpreso e feliz, por ter ouvido algo tão forte vindo de uma criança, já em final de ano, após

> as dificuldades que tive em participar e me incluir na turma por inteiro e com leveza; ao mesmo tempo reflexivo: o que essas crianças falam de mim para seus pais e como eles interpretam isso? (Diário de Campo, 25 de novembro de 2025).

O episódio evidencia uma contradição central na atuação masculina na Educação Infantil. Ao mesmo tempo em que o abraço e a fala da criança demonstram a construção de vínculos afetivos genuínos, confiança e acolhimento, o registro revela a preocupação do educador com possíveis interpretações externas acerca dessa relação. Como afirmam Monteiro e Altmann (2014, p. 11), "o estranhamento refere-se não só à presença do homem na função de professor [...], mas também aos procedimentos adotados em momentos de cuidados corporais", o que evidencia a vigilância simbólica constante a que estão submetidos os homens nesse espaço.

Dessa forma, os dados indicam que a presença masculina na Educação Infantil ainda desafia normas tradicionais de gênero e masculinidade, ao mesmo tempo em que evidencia possibilidades de transformação nas concepções sobre cuidado, afeto e docência. À luz dos pressupostos dos Círculos de Culturas da Infância (CRIA), a valorização do cotidiano e das experiências das crianças permite reconhecer os sentidos construídos nas relações educativas. Assim, a aproximação entre o bolsista e as crianças evidencia que sua presença nesse espaço se constitui nas experiências compartilhadas, e não apenas em sua condição de homem em um contexto feminizado

CONCLUSÕES

A pesquisa evidenciou que a feminização da docência na Educação Infantil ainda influencia a inserção de homens nesse espaço, produzindo estranhamentos, suspeitas e vigilância sobre práticas de cuidado e vínculos afetivos. Os registros analisados também mostram que essas construções podem ser internalizadas pelo próprio sujeito, gerando dúvidas sobre sua legitimidade profissional.

Entretanto, as experiências vividas revelam possibilidades de ressignificação desses estereótipos. A construção de vínculos com as crianças demonstra que o cuidado e a afetividade não pertencem naturalmente a um único gênero. Assim, discutir masculinidades na Educação Infantil contribui para problematizar desigualdades e ampliar a compreensão da docência como uma prática humana, plural e inclusiva.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Fernanda Francielle de. **O giz cor-de-rosa e as questões de gênero:** os desafios de professores frente à feminização do magistério. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 44, n. 153, p. 720-741, jul./set. 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/198053142824.

SILVA, Elenice; ALMEIDA, Larissa Monique (org.). **Círculos de Culturas da Infância:** narrativas do cotidiano da Educação Infantil. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)Biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, ano 2, v. 4, p. 37-50, jul./dez. 2008.